

- PALÁCIOS, Gonçalo Armijos. *De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio*. Goiânia: Editora da UFG, 2004a.
- _____. *Alheio olhar*. Goiânia: Editora da UFG, 2004b.
- PLATÃO. *Diálogos/Platão*. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1991. (Os pensadores).
- _____. *A República*. Tradução de Erico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- _____. *Ménon*. Tradução de Moura Iglésis. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Loyola, 2001.
- PORCHAT, Oswaldo. *Discurso aos estudantes de filosofia da USP sobre a pesquisa em filosofia*; gênero: provocativo, 1998, (Apostila)
- REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. Tradução de Marcelo Perine. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1993. v.1
- _____. *História da filosofia antiga*. Tradução de Marcelo Perine. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1993. v. 2
- RIBEIRO, Renato Janine. A universidade e a vida atual. *Jornal da Ciência*, Rio de Janeiro, n. 511, 15 ago. 2003.
- ROHDEN, Huberto. *O pensamento filosófico da antigüidade*. 15. ed. São Paulo: Martin Claret, 1980. v. 1.
- TELES, Maria Luiza Silveira. *Filosofia para jovens*. 9.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.
- VICENTE, B., L., N., José João. *O autêntico eu do homem*. 2003.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *A política*. Tradução de Nestor Silveira Chaves. 15. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
- _____. *Tópicos; Dos argumentos sofisticos/Aristóteles*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. A. Pickard. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os pensadores).
- _____. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- GALLO, Sílvio, et al. *Filosofia do ensino de filosofia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.
- JAEGER, Wener. *Paidéia: A formação do homem grego*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília-DF: Editora da UnB, 1988.
- MARROU, Henri-Irénée. *História da educação*. Tradução de Edel Becker. 13. ed São Paulo: Nacional, 1978.
- MONROE, Paul. *História da educação*. Tradução de Edel Becker. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- NOBRE, Marcos; REGO, José Marcio. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: 34, 2000.
- ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PACKTER, Lúcio. *Sinais*. São Paulo: All Print, 2005

VI. NOTA

Depois de concluída toda a pesquisa e a reflexão para este trabalho monográfico, com a sensação, é claro, e não poderia ser diferente, de dar prosseguimento e aprofundar ainda mais minhas pesquisas e reflexões. Para surpresa o livro recém-chegado ao acervo bibliográfico da FACER, intitulado: Filosofia do Ensino de Filosofia, pela Editora Vozes, reúne textos que foram apresentados durante o I Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia, realizado em novembro de 2000 em Piracicaba-SP. Tendo como um dos principais objetivos, reunir professores e pesquisadores em filosofia de diversos locais do Brasil e de países como Uruguai, Itália, França e Argentina, objetivando a troca de experiências e a reflexão em torno da prática de ensino de filosofia em diferentes contextos, dos países ali representados.

Danilo di Manno de Almeida examina as contradições em torno do ensino de filosofia na universidade brasileira hoje; Junot Cornélio Matos examina a problemática da formação dos professores de filosofia.

A obra resultada desse congresso, aponta para a idéia de que o problema do ensino de filosofia é uma questão para além do pedagógico, mas genuinamente filosófico.

Isso quer dizer que os problemas e as dificuldades com o ensino de filosofia são questões para serem discutidas filosoficamente e não de ordem pedagógica.

ano de ingresso à faculdade uma disciplina em paralelo ao estudo de introdução à filosofia para que esteja desenvolvendo o hábito de leitura e interpretação de textos e que ao longo do curso seja exigido ao acadêmico que expresse as suas opiniões e que as fundamente, para que no mínimo do quarto para o quinto período de curso seja capaz de produzir textos, parir idéias, expor seus próprios pensamentos. E que possa sentir o gostinho mesmo que timidamente de participar de debates, discussões milenares.

O que um estudante de filosofia deseja é filosofar, dizer o que pensa, defender suas idéias, filosofar com os pensadores, ser o que ele é individualmente. Não quer e nem poderia no momento professar verdades, criar teses, estabelecer métodos, ele quer ser livre para pensar, falar por si mesmo. Não quer ser especialista programado para formar o pensamento de outro, acreditando ter individualidade, ser um pensador e ainda mais ser um filósofo. Ele não quer travar discussões acirradas ferindo a individualidade de outros, suas opiniões, questionando a formação do outro, e ainda mais lamentável, o seu eu. Ele quer apenas manter a chama do saber, sem pretensões egoísticas.

O que se espera é que nas academias trabalhe o exercício do pensar por si mesmo, que prime por formar seres autônomos, donos e conscientes de si mesmos, assim como dizia Sócrates (apud REALE, 1993): “Conhece-te a ti mesmo”. Caso contrário seremos eternas máquinas de xerox ambulantes, alienadas, fadadas a ideologias, e a filosofia condenada a um eterno ciclo vicioso de comentariologia e de historiografia.

Acredito e sou partidária da concepção do sistematizador da Filosofia Clínica, Packter (2005, p.25) que afirma em seu livro: *Sinais*, “[...] não imagino como poderia fazer Filosofia sem a discussão acadêmica.”

Tanto Packter (ibidem, p. 28), quando todo o exemplo vivo grafado na literatura dos filósofos da Grécia Antiga que a filosofia nasceu, cresceu e se desenvolveu com e a partir da oposição lógica de idéias, da discussão. Platão em seus diálogos é o exemplo simples e claro dessas idéias.

Se esse tipo de concepção vigorar no meio filosófico, o nosso país continuará medíocre em filosofia, como é aquele que acredita na possibilidade de se fazer filosofia sem a discussão.

Para filosofar basta se sentir capaz de “[...] avaliar, criticar e propor por conta própria.” (PALÁCIOS, 2004b, p.49). e dessa forma estará trilhando no caminho da filosofia.

O nosso país sente a falta do cidadão-filósofo, daquele que pensa e busca a solução para as mazelas e para o viver autêntico, ético do brasileiro. O estudo da filosofia não está preparando o estudante para cumprir o seu papel como indivíduo, cidadão e profissional para o mercado de trabalho. Um ser capaz de reconhecer, entender, resolver problemas, capaz de criticar, discutir, avaliar e propor soluções. É preciso organizar e estruturar a matriz curricular para um melhor atendimento ao acadêmico de filosofia para que filosofe e pense nas questões passadas, mas que categoricamente reflita sobre as questões do seu mundo presente. É propiciar uma viagem ao passado com os pés no presente. É contextualizar.

Os estudantes quando chegam ao Ensino Superior, a maioria não cultivam o hábito da leitura e trás consigo grandes dificuldades de interpretação de textos, quesitos essenciais para o estudo de filosofia. Mas, o que fazer? Oferecer a esse aluno logo no primeiro

conhecimento científico, ela nega e automaticamente responde, justifica e isso é uma resposta. Os gregos são o nossos parâmetros do nascer e do exercício de filosofia, eles iniciaram e construíram a filosofia, agora, se decidirmos que a filosofia na sua origem com os gregos, não se trata de filosofia, mas sim o que julgamos ser, então é outra história, se não, precisamos rever nossas posturas perante a filosofia e ao seu estudo e ensino. Ou acatarmos a proposta do professor Gonçalo Armijos Palácios, citada como mensagem de abertura no início dessa dissertação monográfica (p.05).

Na época de Platão, ele combatia um conhecimento fugaz, aparente, sem maiores rigores – a sofística. Hoje como em nenhuma outra época combateria ferozmente a inautenticidade do homem como um ser pensante, capaz de atingir o conhecimento, e ainda, da concepção do inatismo, ficar em plena academia fazendo historiografia, se especializando no pensamento do outro, fazendo comentariologia, acreditando estar filosofando.

Se continuarmos mergulhados nessa realidade onde o estudo das questões que vivenciamos que fazem parte do nosso presente ficam relegadas a segundo e terceiro plano, um estudo em que o acadêmico de filosofia sai da universidade, sem conhecer e discutir o pensamento de filósofos contemporâneos; onde mestres com títulos que lhes conferem honra ao mérito, doutor que diz ao estudante de filosofia que é preciso que todos tenham humildade intelectual perante os filósofos, e enfatiza em meio a uma conferência, diante da apresentação de um formando em filosofia que escreve e traz para a discussão suas idéias o seu pensamento a partir de Platão. E esse estudioso, letrado, erudito e doutor que faz parte da elite filosófica brasileira, entre colegas, diz que ninguém está interessado no que um graduando ou qualquer pessoa pensa. É algo de se lamentar. O doutor acredita que ninguém sairia de suas casas para ouvir o que um graduando em filosofia ou um estudioso pensa. Em outras palavras ninguém quer discussão acadêmica.

Esta verdade é difícil de ocultar, mas poucos querem vê-la: assim como o crítico de arte não é artista, nem o historiador da ciência é cientista, o mero comentador de textos filosóficos não é filósofo - dura verdade para se engolir.

V. CONCLUSÃO

A humanidade hodierna vive num momento de inércia mental, numa fase de perda de sentido sem rumo, sem bases e objetivos definidos a aspirar, sem valores humanos a serem alcançados, sem *areté*. Os estudos, de uma forma geral, inclusive o de filosofia giram em torno do passado para a pura contemplação, as experiências e exemplos dos nossos antepassados ficam apenas no campo das idéias, pesquisamos, mas não praticamos os resultados. Os gregos viviam o presente, nós nem o presente e nem o passado, ficamos num eterno retorno ao pensamento filosófico de outrem ao longo da história do ontem.

O conhecimento filosófico ninguém discute, é um saber completo pois prima por abraçar a totalidade do objeto a ser conhecido, por ir à raiz da questão e pelo rigor em seu estudo. Os gregos filosofavam. E filosofavam porque pensavam por si mesmos, criticavam, discutiam e tinham a ousadia de dizer e defender o que acreditavam.

Hoje não dá mais para pensarmos, como muitos acreditam, que não há perspectivas filosóficas, em meio a nossa realidade. Quotidianamente nos deparamos com questões que são expressamente nossas, que reclamam à discussão, seja as relacionadas à engenharia genética ou à que foi proposta nesse trabalho de conclusão de curso.

Assim como também é inadmissível concebermos o estudo filosófico, a filosofia, como fora da sua alçada a busca por resposta a concepção que não cabe a filosofia dar respostas, ela até pode não se preocupar diretamente, mas o faz indiretamente, quando critica o

Da forma como o professor em questão ministra suas aulas, levando o aluno a uma viagem ao passado com os pés no presente, contextualizando, e melhor compreendendo o presente, e percebendo reflexivamente que muito foi pensado, mas que ainda há muito para ser repensado e cogitado no presente. E o aluno, na qualidade de ser cognoscível e atuante no meio, compete-lhe refletir e procurar resolver problemas com o auxílio do próprio pensamento, isto é a prática do estudo de filosofia.

Para começar a filosofar, ou seja, a pensar filosoficamente o professor Palácios (2004b, p. 150). esclarece:

No fundo é algum tipo de insatisfação, fruto de um questionar. Podemos estar insatisfeitos, por exemplo, com os valores vigentes na nossa sociedade. Ou insatisfeitos com a realidade social em que nos inserimos. Mas também poderíamos refletir filosoficamente sem estarmos insatisfeitos com algo exterior a nós. A nossa ignorância e impossibilidade de ver nossas perguntas satisfeitas por outras pessoas, ou pelo que está nos livros podem nos induzir a pensar por nós mesmos.

Qualquer coisa que nos incomode leva-nos a reflexões filosóficas. Não aprendemos filosofar lendo, mas refletindo. Gonçalo diz de sua experiência na docência de filosofia, que quando o professor explica para os alunos a teoria desse ou daquele filósofo, ele não está filosofando, mas somente assim o faz: “Quando numa sala de aula, avalio criticamente em voz alta para meus alunos” (Idem, p. 152).

A partir de todos os relatos, discussão e da reflexão da experiência do Professor Palácios (2004a, p. 13) como de tantos outros para o urgente debate do ensino e estudo de Filosofia no Ensino Superior. São relatos, posicionamentos que cabe a todos nos re-fletirmos _ reexaminarmos, pois os gregos nos ensinaram e exemplificaram o filosofar. E o que nos compete é a ação ativa na busca do saber.

Logo de início ele faz uma abordagem da forma como um professor de medicina ou de matemática ensina, para nos exemplificar a daquela do professor de filosofia.

Um historiador da medicina ou das matemáticas poderá nos dizer o que foi feito naquelas áreas em épocas passadas. Mas ele não vai, com isso, ensinar seus alunos a fazer medicina ou matemáticas. Já uma faculdade de medicina ou um departamento de matemáticas vão ensinar essas ciências introduzindo seus alunos na peculiar prática médica e matemática. Nessas áreas os professores vão preparar os alunos a estarem prontos para resolver problemas. Anteciparão situações mediante o acúmulo de práticas resolutivas e não meramente contemplativa (PALÁCIOS, 2004b, p. 143).

Esses alunos gradativamente são expostos a vários problemas e a várias soluções possíveis, eles são preparados para reconhecer, entender e resolver problemas. Assim enfatiza Gonçalo:

Quanto maior o número de problemas e maior o esforço resolutivo, maior será a capacidade desses alunos para enfrentar com sucesso seus futuros desafios. E nos lembra: estão sendo preparados para serem médicos e matemáticos, não historiadores de medicina ou historiadores da matemática (Idem, p. 143).

Se o professor de filosofia tratasse do ensino de filosofia dessa forma, o aluno seria estimulado a filosofar e não apenas assimilar passivamente teorias. É mostrar como Hegel, Kant e Espinosa lidaram com problemas e como eles resolveram, e não apenas ensinar as teorias destes. Palácios (2004b, p. 145) continua ainda seu relato:

Eu mesmo dou aula de Filosofia Antiga faz alguns anos. Mas meu enfoque não é certamente historiográfico e sim problemático. Na medida do possível projeto os problemas antigos no mundo moderno e no contemporâneo. Ou, melhor, escolho aqueles temas que me permitam fazer tal projeção. Ora, isso é muito fácil com todos os grandes problemas da filosofia: metafísicos, ontológicos, epistêmicos, éticos, políticos, de filosofia da arte e até da filosofia da linguagem. A minha é uma abordagem, digamos, retroprojetiva.

e atividades de ensino e pesquisa? Temo sinceramente que não. (Grifos no original).

A preocupação em torno do estudo e ensino de filosofia, a estruturação da matriz curricular para um melhor atendimento ao estudante de filosofia, preocupa o professor Porchat, como também o professor Gonçalo .

E cabe acrescentar que se deve dar maior atenção, nos cursos de História da Filosofia autores contemporâneos, às tendências principais do pensamento filosófico de nossos dias... Incentivando nossos alunos a interessar-se por elas e a trabalha-las. Porque é infelizmente impossível entre nós, terminar a graduação em filosofia não tendo lido nem trabalhado nenhum, ou quase nenhum, dos temas de que se ocupam os filósofos que neste mesmo momento estão em nosso mundo propondo seus filosofemas (PORCHAT apud NOBRE; REGO, 2000, p. 13).

A partir de uma ênfase num estudo historiográfico e comentarológico, como vem sendo trabalhado, nunca haverá filosofia no Brasil, nem filósofo. A cada dia somos desestimulados, e até mesmo proibidos de pensar por conta própria. O que se espera de nós, estudantes de filosofia, é um conhecimento de coisas passadas e nada mais, e a repercussão de tudo isso está viva na sociedade coetânea. A recusa do homem a pensar, quanto mais prática for a sua ação sem a necessidade de pensar e de raciocinar, melhor. E, o professor Palácios (2004b, p. 135) enfatiza: "Permitir que os estudantes se pronunciassem nas suas aulas de filosofia, já desde o início não é um favor que lhes fazemos. Deve ser, antes, uma exigência.

4.1. O INICIO DO FILOSOFAR

Nos dois últimos capítulos de um dos livros do professor Palácios: *Alheio olhar: "A filosofia como prática teórica"* e *"De como começar a filosofar"*; nos relata a sua experiência como professor, hoje na UFG.

soluções, porque é preciso a ação, é preciso filosofarmos; propor mudança se praticá-las.

Cogita-se que as respostas já foram dadas, que não há perspectivas fora do que já foi dito. E o que nos resta é apenas filosofar o já filosofado, que o novo, o inédito não existe. No entanto, temos hoje questões como: inteligência artificial, clonagem, bioética, engenharia genética, eutanásia, altíssimos índices de gravidez e prostituição precoce e etc. Eles pedem discussão. São temas que fazem parte integralmente da época hodierna.

Palácios (2004b, p.127) lembra que a estruturação da grade curricular de cursos de filosofia é um desafio, pois o estudo da filosofia historicamente “salvo exceções, só no quarto ano o aluno de um curso de filosofia estará exposto ao que foi feito na filosofia atual” . Dessa forma, as questões dos nossos dias, o que jamais poderia ter sido problemas para os antigos, pelo simples fato que os problemas éticos levantados a partir dos avanços da engenharia genética, são do agora e por isso exigem uma reflexão do hoje. As implicações éticas da clonagem de seres humanos ou de certos órgãos de seres humanos, requerem reflexões que jamais encontraríamos em filósofos de, por exemplo, há quarenta anos atrás. Para não fazer referência aos medievais ou aos antigos.

Concluir um curso de filosofia e não conhecer nenhum filósofo que discutiu ou discute esses temas é de se lamentar. Porchat ainda naquele artigo, de maio de 1998 (apud NOBRE; REGO, 2000, p. 11), diz:

Mas se deveria dar também atenção especial àqueles problemas filosóficos que são problemas para nossos estudantes... Aliás, inseridos que estão e não poderiam deixar de estar no mundo contemporâneo, muitos dos problemas desses jovens refletem compreensivelmente parte da problemática com que estão lidando os filósofos de hoje. Parece-me, por exemplo, que os problemas de *filosofia moral* têm um lugar especial. Têm acaso sido eles objeto importante de nossos cursos

genialidade. Nada conheço de mais castrador do que essa tese quando arremessada sobre a cabeça de um jovem que se propõe a estudar e praticar a filosofia. Mas ela é falsa. Ela é tão falsa em Filosofia quanto ela é obviamente falsa em qualquer outro ramo do saber teórico ou prático dos homens. Para filosofar não exige mais genialidade que a que se exige para ser astrônomo, antropólogo, engenheiro, cozinheiro ou jogador de bola... Basta apenas que se tenha alguma inclinação, alguma capacidade e um certo amor pelo que se quer fazer. E é muito útil que se tenha professores que saibam ajudar-nos a percorrer o caminho escolhido (PORCHAT, 1998, p. 6).

Porchat discorda de um ensino enfático historiográfico ou comentarístico, pois que a filosofia não é uma prática incompreensível de gênios como nos é colocado na academia, em especial aos filósofos da Grécia Antiga. Construindo uma barreira intransponível entre o aluno e o filósofo. E continua aquela passagem:

[...] é muito desejável que nossos estudantes sejam fortemente incentivados, desde o início, desde o primeiro ano, a exprimir livremente nos seminários e em trabalhos e nas aulas os seus próprios pontos de vista sobre os assuntos tratados. A tomarem posição, a criticarem, a ousarem criticar, se isso lhes parece ser o caso, mesmo as formulações dos grandes filósofos e suas teses (Idem, p. 10) (Grifos no original).

Um grande filósofo contemporâneo, Ortega y Gasset (2002, p.1), diz que o indivíduo é ele e a situação em que se encontra. Todos nós fazemos parte da história do presente, somos seus atores, no nosso dia-a-dia somos convidados, direta ou indiretamente, para atuarmos perante a rotina cotidiana. Deparamos-nos com questões que reclamam reflexões, que necessitam serem discutidas, revistas. Podemos tomar uma posição passiva ou agirmos ativamente. Os problemas existem e sempre existirão, como este em reflexão nesta dissertação monográfica. Todos aqueles que se permitiram até aqui são convidados à discussão, ao debate, ao diálogo para a busca de

futuro um pensador com suas próprias teses, está se condenando a estagnação do pensamento filosófico e da própria filosofia.

IV - DO INCENTIVO AO ESTUDANTE DE FILOSOFIA A PENSAR POR SI

O estudante de filosofia, diz Palácios (2000a, p. 60)., “[...] deve confiar nas suas intuições e segui-las até exauri-las, como eu fiz com a minha intuição de que Althusser estava enganado”

O professor Palácios (idem, p. 62) ressalta a importância de estimular o aluno a pensar filosoficamente e não a assimilar passivamente teorias que com o passar do tempo esquecerão, mas mostrar a esses alunos como Platão, Descartes ou Heidegger lidaram com problemas e como os resolveram. Optando por um enfoque problemático e não apenas historiográfico, porque é importante como Oswald Porchat enfatiza, o estudo da história da filosofia paralelo à construção e desenvolvimento de um pensamento autônomo.

Não se está obrigado a ser um historiador. Pode-se ser um filósofo por conta própria, ainda que, é claro, buscando na história da filosofia um alimento precioso, como parte do desenvolvimento e da exposição de seu próprio pensamento (PORCHAT apud NOBRE; REGO, 2000, p.122).

O filosofar inicia, diz Palácios (2004b, p. 49): “quando nos sentimos capazes de *avaliar, criticar e propor por conta própria*” (Grifos do autor). E cabe aqui lembrarmos que os gregos, os pais da Filosofia, eram usuários do método da discussão filosófica, da proposição de teses e antíteses, de perguntas e respostas, de argumentos e objeções.

Oswaldo Porchat, naquela conferência em maio de 1998, no II Encontro de Pesquisa de Graduação em Filosofia aos estudantes da USP, já citado anteriormente, palestra:

É lamentável que alguns historiadores da Filosofia, ilustres e de indiscutível valor em sua área de pesquisa, nos tenham querido fazer acreditar que se pôr a filosofar pressupõe a crença na própria

históricos e não um estudo crítico, contextualizado com o hoje, um estudo onde não é permitido criticar, refutar, ou mesmo acrescentar quando se julga necessário, torna-se um estudo de história da filosofia.

Um estudo onde são apresentados filósofos e suas idéias da forma e dos pontos partilhados pelo professor, pois se esse ou aquele filósofo trata de questões que o professor não acredita, simplesmente essas questões não são abordadas e sim ignoradas, e quando questionados sobre ou quando não há como, na explanação da aula ignorar a idéia, esta é sutilmente e superficialmente expressada e o descaso se faz presente em conteúdo, nos gestos e expressões. Dizer que você partilha dessas idéias, de imediato você é censurado ou/e ridicularizado. A fidelidade ao pensamento do filósofo é tão importante quanto a exigência da neutralidade científica.

Passa-se o tempo, entre uma pesquisa e outra, e nos deparamos com as deturpações. É difícil um aluno querer sair de seu mundo, até então para um outro que não lhe oferece segurança, mas apenas o critica, o deixa em meio à tempestade, à travessia de um rio e não lhe aparece nenhuma possibilidade de ajuda para fazê-lo, então o que lhe resta é voltar. Propiciar um estudo que não permite ou incentive o aluno a pensar, opinar (doxa) para que haja um crescimento científico tanto prático, quanto teórico, aprofundado, fundamentado ao texto e ao filósofo. Um estudo onde o presente, as questões coetâneas ficam relegadas a segundo e terceiro planos. Dessa forma nunca haverá filosofia no Brasil, porque simplesmente não há a valorização de idéias das pessoas que vivem hoje, sentem, percebem a realidade, os problemas do momento. O que um estudioso julga importante, pensa por si, ou a partir de um pensamento de alguém não importa. O futuro da filosofia está nos acadêmicos de Filosofia. Se não há uma valorização destes, como seres pensantes, se não há o incentivo para a produção acadêmica, um preparo para a autonomia racional para que o estudante seja no

O professor Rohden pontua que:

Aqueles escandalizados saibam que a verdadeira Filosofia não destrói nenhum valor real da vida humana, pelo contrário, clarifica e consolida os valores reais, embora deva eliminar muitos valores fictícios tidos por verdadeiros (ROHDEM, s/d, p.13.).

A demolição não é o fim em si, mas um meio para outro fim superior. Toda evolução é precedida de uma espécie de revolução. Se nunca houvesse o novo, nenhum progresso seria possível, lembra o filósofo, e os homens viveriam eternamente mergulhados num mesmo plano.

O terceiro e último estágio é o da reconstrução. Esse é o fim de toda a verdadeira filosofia, o de construir a felicidade do homem sobre a base da verdade, sem o véu das aparências, das ideologias. Nesse momento, como muitos estudantes relataram para Rohden, é o da serenidade, o início de uma vida nova, mais firme, serena, feliz e donos de si mesmos.

A verdade é inexorável, porém amiga, como o bisturi; por vezes, faz sangrar o coração, mas, depois de removidos os elementos mórbidos do erro e da ilusão, entra o corajoso sofredor numa vigorosa convalescença e começa a sentir as belezas e suavidades da vida muito mais intensa e conscientemente do que nunca dantes (Idem, p.15).

Refletindo as colocações de Rohden (s/d, p.13.), é válido passarmos por um período de confusão e um período de demolição, a fim de reconstruirmos a nossa vida, livre de confusão e sem perigo de novas demolições. É válido, real e importante todo esse processo progressivo que o aluno de filosofia percorre, e como o professor Rohden, observou que é perceptível o grande número de estudantes que iniciam o segundo estágio e se negam a prosseguir ao próximo. Havendo assim um recuo, uma recusa à nova realidade que timidamente lhe aparece. Mas ao que se deve a essa negação?

Um estudo de filosofia onde não há o diálogo com o autor, onde o que importa é estudar seja ordenadamente ou não, fatos

Ter um estudo aprofundado num ou noutra filósofo é altamente recomendável, mas o que se espera é que cheguemos a ter pensadores produzindo seu próprio pensamento filosófico mesmo tendo como ponto de partida a contribuição de um outro pensador.

Huberto Rohden, um pensador catarinense, já falecido, foi professor na *American University*, de Washington, D C., de Filosofia Universal e Religiões Comparadas. Rohden relata em uma de suas obras: *O Pensamento Filosófico da Antigüidade, vol. I, s. d.*, a sua experiência de vários anos como professor de filosofia, tanto no Brasil como mais expressivamente nos Estados Unidos. Ele diz que a maioria dos estudantes que freqüentavam os seus cursos, ou que liam seus livros, passavam, geralmente por três estágios de evolução mental-espiritual. O primeiro desses estágios era o da confusão, onde o estudante ou leitor não percebe senão palavras e frases sem nexos, por mais simples e claros que sejam os termos empregados; são incapazes de descobrir por detrás desses vocabulários um sentido lógico que forme um todo, homogêneo e orgânico (ROHDEN, s/ d., p. 11). E isso acontece, segundo o pensador catarinense, porque o homem comum não está habituado a uma seqüência de pensamentos rigorosamente lógicos e estreitamente concatenado como a filosofia exige, e por isso nem sempre lhe é fácil reunir em um todo orgânico os fragmentos dispersos, a ponto de neles encontrar sentido que satisfaça interiormente. Nesse estágio, Rohden, esclarece que é necessária ao principiante muita paciência e perseverança e, sobretudo, intenso amor à causa da verdade objetiva.

O segundo estágio é o da demolição. Da demolição dos ídolos e fetiches tradicionais, tidos e havidos por intangíveis, e até sagrados. Para a maioria dos estudantes de filosofia, esse é o mais trágico estágio e muitos desistem de prosseguirem nessa jornada, voltam atrás, com saudades de suas ideologias, dos seus queridos ídolos de sempre, dos quais se recusam a divorciar-se, como uma dolorosa dilaceração interior.

especialista em Kant, em Heidegger, em.... Qual o papel do especialista, pois que, suponhamos, têm-se vinte especialistas em Wittgenstein, por exemplo, e todos esses estudiosos interpretam o pensamento de Wittgenstein a respeito da linguagem. Porque da necessidade de tantos dizer o que Wittgenstein disse? Então o seu pensamento é tão profundo e amplo ou o seu texto é construído de uma linguagem figurada, ou em forma parabólica, como a linguagem dos ensinamentos do Cristo que nos dá margens para várias interpretações? E ainda mais, como que alguém lê algo, uma tese, uma idéia e não se posiciona que seja contrário ou a partir dela construir uma outra, ou dar seguimento ao raciocínio, e mais, se discordar porque ninguém pensa exatamente igual a ninguém. Em alguma questão a de haver alguma diferença. O professor Palácios (2004a, p. 19). fala a respeito:

Assim, enquanto os especialistas, os não-filósofos, controlarem a produção e a difusão de idéias, aqui no Brasil, não existirá filosofia como existe música, arte e até ciência e tecnologia brasileiras

Não há uma filosofia no Brasil, por que não há produção própria de pensadores brasileiros, mas estudiosos em filósofo X ou filósofo Y, Z..

O penúltimo a ser entrevistado em *Conversas com filósofos brasileiros*, o professor Carlos Nelson Coutinho¹⁸, que nos relata:

A maioria dos filósofos brasileiros tem o seu autor estrangeiro que é trazido para o Brasil, eu diria até abrasileirado, colocado dentro das condições do Brasil. O Paulo Arantes tem o Hegel, Giannotti teve o Marx, hoje tem o Wittgenstein, Marilena Chauí tem o Espinosa, Marcos Nobre tem o Adorno, e, vamos lá, Carlos Nelson Coutinho tem o Gramsci (COUTINHO apud NOBRE; REGO, 2000, p. 381).

¹⁸ Carlos Nelson Coutinho, nasceu em Salvador (BA), no ano de 1943 . Formou-se em Filosofia pela UFB. Hoje é professor na Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É editor brasileiro dos *Cadernos do Cárcere*, de Antônio Gramsci. Sua entrevista foi realizada em 1999.

Produzir um pensamento original, explica Porchat: significa estimular os alunos a ter coragem de assumir posições ao mesmo tempo mostrando-lhes o quanto essas posições teriam que ser melhoradas para adquirir o *status* de opiniões filosóficas sérias (PORCHAT apud NOBRE; REGO, 2000, p. 128)

Hoje, no meio filosófico, se fizermos a menor menção de dizer que Platão equivocou-se, ou seja, tomar uma posição contrária a qualquer filósofo clássico, você é digno de censura, não lhe é permitido criticá-los, eles são como deuses para o meio filosófico.

O professor Raul Landim Filho¹⁷, acredita que: “nenhuma análise clássica deve ser ignorada por ser clássica nem, pela mesma razão nenhuma análise clássica por ser clássica deve ser utilizada” (LANDIM apud NOBRE; REGO, 2000, p. 269). Qualquer pensamento, tese ou mesmo uma teoria clássica, deve ser submetida à avaliação. É o que percebemos a partir dos diálogos de Platão. Era dessa forma que os filósofos clássicos se portavam perante as teses de outros filósofos. Nenhuma análise deve ser simplesmente comentada, mas sim, avaliada. Além do que, para fazer filosofia é preciso ter espírito crítico, imaginação e curiosidade, além de poder argumentativo. Faz-se filosofia descobrindo problemas, propondo soluções e discutindo-as. Ter espírito crítico para não aceitar sem refletir, tudo que nos diz ou tudo que lemos, ter imaginação e curiosidade para encontrar soluções para o mundo confuso e desorganizado que vivenciamos. Ter poder argumentativo para fundamentar racionalmente as intuições.

3.5- O HISTORIADOR DE FILOSOFIA E O ESPECIALISTA

Por outro lado, observamos, é a prática e a formação de profissionais em filosofia que quando não é historiador é um

¹⁷ Raul Lambem Filho, nascido no Rio de Janeiro em 1939. Obteve o título de doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica). É professor titular de Filosofia pela UFRJ. Sua entrevista foi realizada em 2000.

uma luz lá no horizonte, a de pessoas que também se sintam frustradas com esse fato e propõem mudanças, como o fazem Porchat (apud NOBRE; REGO, 2000) e Palácios (2004a).

Porchat (apud NOBRE; REGO, 2000, p. 127-128) defende a idéia e apresentou nos últimos anos, propostas no sentido de uma reformulação do padrão pedagógico do Departamento de Filosofia da USP, que alcançou grande repercussão e provocou ásperas polêmicas na imprensa.

Vários estudantes que encontrei recentemente, aqui e ali, falaram-me do seu interesse pelas coisas que eu disse, e me disseram também que é uma preocupação de muitos deles o querer encontrar um lugar para ter opiniões pessoais, para começar exprimir-se filosoficamente desde os anos escolares. [...] Não vejo mal nenhum no fato de o aluno expressar suas próprias opiniões em sala de aula. Nos devemos permitir-lhe que o faça e que façam um trabalho em que afirme, por exemplo, 'Platão disse uma bobagem quando disse que as formas existem'. Neste caso, caberia dizer-lhe que muita gente já disse a mesma coisa e recomendar-lhe que leia tal texto, bem como a resposta dada por um filósofo platônico posterior .

O autor citado esclarece que quando os acadêmicos começarem a expor seus pensamentos, suas idéias, elas vão ser ingênuas, às vezes inadequadas e podem até dizer tolices, mostrando "ignorância da problemática filosófica". Dessa forma ele acredita que o aluno adquirirá elementos para pensar independente se posteriormente abandonará ou irá reformular a sua objeção. Conforme preconizado por Héctor-Neri Castañeda, citado por Palácios (2004a). Com tudo isso o estudante estará aprendendo a pensar e tomando consciência da possibilidade de participar de um debate histórico, milenar, e se sentindo incentivado a pensar.

Se não houver esse esforço, reitera Porchat:

Acontece o que tem acontecido: um departamento como o de filosofia da USP, que é de altíssimo nível [...] produz excelentes historiadores da filosofia, mas não estimula a produção de um pensamento original.

grego, estar morto ou ser gênio”, faz um relato sobre alguns títulos de dissertações desses cursos, onde não permite ao estudante afastar-se da tradição e de filosofar por conta própria. E afirma que não há crédito ao aluno no filosofar por si, não há porque: “se nos sentimos incapazes de filosofar por conta própria e se achamos que nossos alunos também o são – e sempre se pensa que eles são.”

Nós, estudantes de filosofia, não nos espantamos com essa informação, sentimos na pele esse descrédito. Assim então, não poderia ser diferente as produções dissertativas e seus títulos: “‘O conceito de xxx em YYY’, ‘A noção de www em ZZZ’, ‘A categoria de uuu em VVV’, etc.” (Idem, p. 14). Observa ainda, que: “As prateleiras de todas as bibliotecas universitárias estão lotadas com esses trabalhos”

Palácio enfatiza ainda:

A CAPES, o CNPq, o Ministério da Educação, ou quem quer que detenha a competência, deveriam proibir, na filosofia, os trabalhos cuja intenção seja explicar para o mundo os significados de ‘O conceito de xxx em ZZZ’ (Idem, p. 15)

A realidade da academia de filosofia no Brasil, ou departamento de filosofia apresenta em seu teor de estudo e produção de histórias de filosofia ou comentários sobre os filósofos e suas teses. Preocupado com tais questões, Palácios (2004a) faz apologia à necessidade de se rever e redefinir o espírito do departamento de filosofia:

Ou fazemos história da filosofia, ou filosofia. Devemos ter a coragem de mudar o nome do departamento para o de ‘história’ se nos sentimos incapazes de filosofar [...] Ou, então, se não queremos ser tidos como historiadores das idéias, então vamos nomear os departamentos de Comentariologia se a única coisa que fazemos ou nos achamos em condições de fazer, é comentar textos filosóficos.

O filósofo latino-americano lamenta essa realidade e nós, alunos, que sentimos e vivenciamos tudo isso de perto, visualizamos

Peripatética de Aristóteles, onde o Mestre discutia expondo o seu próprio pensamento, seus conhecimentos e sua sabedoria.

Trazendo para hoje, como tomar uma postura, defender ideais, se não há? Ou então, se há, vários não tomam posição diante deles, o homem contemporâneo não possui uma *areté* definida, clara do que se quer, do que se é, que ideal ou ideais a seguir. Esta é a nossa realidade. Não há professores defendendo causas, não há exemplos vivos para o aluno se espelhar. Não há um discurso que reflète paralelamente a sua vida, a sua conduta, os discursos são de outros pensadores. Não há uma corrente nova. Se há um aqui ou ali que tomou uma posição própria perante o universo da filosofia, este se recusa a expor, e quando o faz, suas ações práticas não condizem com tal posição.

O professor Porchat (apud NOBRE; REGO, 2000), diz naquele artigo apresentado aos alunos da USP no ano de 1998, já citado anteriormente, nos fala que para “ensinar filosofia exige que se filosofe também”. Então, como filosofar se não há um ambiente para isso. Se não há a discussão, não há estudiosos de filosofia pensando por si mesmos, não há, como na conclusão dos entrevistados em *Conversas com filósofos brasileiros*, um estímulo cultural nem acadêmico para que o brasileiro se sinta em condições de filosofar por conta própria. Esclarece ainda o mesmo autor:

Agora, o que é preciso, e essa é uma tecla em que tenho batido ultimamente, é libertar o ensino brasileiro de certa ênfase exagerada na história da filosofia, de certa orientação estruturalista radical (PORCHAT apud NOBRE; REGO, 2000, p. 126).

Reclama ainda que as faculdades têm voltado sua atenção à formação exclusiva de bons comentadores dos grandes filósofos do passado.

Palácios (2004a, p. 15), professor de graduação e pós-graduação de filosofia da UFG, em: “*De como fazer filosofia sem ser*

E depois desenvolvera um outro olhar sobre as mesmas coisas e isso se deu porque reconheceu falhas e cometeu equívocos.

Quando se constrói um raciocínio falho, incompleto, alguma coisa de errado ocorreu. Na Academia de Platão não era diferente, explicações eram propostas, discutidas, avaliadas, refutadas, abandonadas ou se fosse o caso os erros eram admitidos e as teses e teorias reformuladas, corrigidas e aprofundadas.

Era dessa forma que se fazia filosofia, foi dessa maneira que a filosofia nasceu, a partir da preocupação com a verdade, do questionar alguma coisa, algum pensamento, e/ou tese. O princípio das coisas é a água (Tales de Mileto), o ar (Anaxímenes), nenhum desses elementos (Anaximandro) (REALE, 1993). Cada um acreditava em um princípio diferente e isso se dava porque um julgava que, o que os outros tinham como verdadeiro era falso. Essa busca pela verdade, esse pensar por si; o embate de idéias, a falta de debate, de crítica aberta, em suma, a falta de uma cultura da discussão é o que não permite a existência de filosofia no Brasil.

Ensinar a filosofar exige que se filosofe também. Que se tenha a coragem de pensar por conta própria, de propor idéias, de fazer críticas e de recebe-las. Exige que nos exponhamos publicamente, oralmente e por escrito (Grifo meu¹⁶).

Platão (2000, p. 75) , no livro III da República, propõe submeter os textos poéticos de Homero a uma severa censura, expurgá-los, corrigi-los, ainda que para isso fosse necessário reescrevê-los. Isso por acreditar que algumas das descrições do *Hades* (infernos) são nocivas aos futuros guerreiros.

Seria maravilhoso se o professor de filosofia fosse um filósofo-professor. Que não fosse apenas um leitor erudito de textos clássicos ou simplesmente historiadores de filosofia, mas que tivesse suas próprias teorias, teses, como era tanto na Academia quanto na Escola

¹⁶ Oswald Porchat, trecho de uma conferência, realizada em maio de 1998, sob o título de: “Discurso aos estudantes de Filosofia da USP sobre a pesquisa em filosofia” leva o subtítulo: *Gênero Provocativo* “. A Conferência que ministrou fazia parte do II Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia”.

Construir raciocínios deficitários ou paradigmáticos faz parte da construção do saber. O erro faz parte do crescimento intelectual moral do ser humano, se errar busquemos a correção. Escrever uma dissertação é um grande obstáculo para um estudante que ao longo do seu curso não teve preparo intelectual, metodológico e não desenvolveu qualquer atividade de caráter autônomo anterior. Erros, com certeza acontecerão, e estes farão parte do caminhar e da construção da maturidade filosófica.

Para iniciarmos na produção de textos e dissertações, principalmente em filosofia, pois esta é a busca do saber, o amor pela sabedoria, nos é requerido um maior rigor em todos os sentidos, exigindo um maior preparo.

É tentando fazer qualquer coisa que começamos a aprender. E na maior parte das tentativas, para não dizer em todas, salvo raríssimas exceções, podemos não ser completamente felizes. Foi andando que aprendemos a andar, foi falando que aprendemos a falar. Cometendo erros, e percebendo-os, aos poucos vamos evitando-os.

O professor Palácios (,2004b) nos relata que quando cursava o doutorado nos Estados Unidos (*Indiana University*) um de seus professores, Héctor-Neri Castañeda, considerado um dos grandes representantes da Filosofia Analítica norte-americana, disse na primeira aula com a turma:

Quero que para a próxima aula leiam este artigo que escrevi faz algum tempo, o critiquem, e me informem de qualquer idéia estapafúrdia, inaceitável ou chocante que encontrem nele! (PALÁCIOS,2004b, p. 142).

Palácios nos conta que na aula seguinte, o seu professor, pegou o artigo e o destruiu “argumentativamente de cabo a rabo”. Fez isso por que tinha mudado radicalmente de opinião; ou seja abandonou suas antigas teses (se eram suas é porque acreditava nelas, eram verdades para ele).

seguem as impressões exteriores (ARISTÓTELES, 1988, p. 16 § 13) (Grifos meus).

Se considerarmos que os escravos (seres analfabetos) não possuem a plenitude da razão e que todos os animais, inclusive o escravo, porque este era tido semelhante a tal, dela (da razão) são desprovidos, por isso só percebem o exterior das coisas. O que dizer da “experiência maiêutica” de Platão (citada anteriormente) com o seu escravo sobre questões complexas de geometria, e este ter conseguido responder as suas perguntas? Para respondê-las, foi preciso pensar, raciocinar. E Aristóteles continua o seu discurso:

A própria natureza parece querer dotar de características diferentes os corpos dos homens livres e dos escravos. Uns, com efeito, são fortes para o trabalho ao qual se destinam; os outros são perfeitamente inúteis para serviços semelhantes, mas são úteis para a vida civil, que assim se acha repartida entre os trabalhos da guerra e os da paz. Mas acontece o contrário muitas vezes: indivíduos há que só possuem o corpo de um homem livre, ao passo que outros dele só têm a alma (Idem, § 14).

Com relação a esse pensamento de que pelo fato de homens nascerem fortes e outros desprovidos de força física, essa realidade, não atribui o dever dos fortes serem escravos ou os fracos fisicamente serem livres, ou seja, que compete ao forte o trabalho braçal e ao fraco o civil. Além de que o porte físico advém de questões genéticas, tanto numa família de escravos, como na de um aristocrata pode nascer filhos robustos como franzinos. Assim então, não é somente por natureza, mas hoje principalmente, o escravismo se dá por questões sociais.

Vê-se, pois, que a discussão que vimos de sustentar tem algum fundamento; que há escravos e homens livres pela própria *obra da natureza*; que essa distinção subsiste em alguns seres, sempre que igualmente pareça útil e justo para alguém ser escravo, para outrem mandar; pois é preciso que aquele obedeça e este ordene, segundo o *seu direito natural*, isto é, com uma autoridade absoluta (Idem, p. 17 § 20) (Grifo meu).

Os gregos, da filosofia clássica, não tiveram esse receio, foram contra a tradição muito forte de sua época – a sofística. A postura filosófica platônica é um exemplo a seguirmos. A filosofia nasce se constrói e se faz com o diálogo. O diálogo platônico, como retrata muito bem o professor Gonçalo Palácios:

Nele, como numa peça de teatro, assuntos são descortinados, uma trama é entreaberta, um enredo é descortinado, explicações são propostas, discutidas, corrigidas, aliadas, abandonadas, ou, se for o caso, *os erros são admitidos* e as teses e teorias, *reformuladas, corrigidas e aprofundadas* (PALÁCIOS, 2004B, p. 66-67) (Grifos meus).

O erro, o equivococar faz parte da construção do saber, e, mais importante ainda é reconhecer, reformular, reestruturar a idéia. Os Clássicos equivocaram-se, para não dizer, erraram. Ouvir isso nos causa espanto, não é mesmo? Mas é um fato. Platão e Aristóteles erraram.

No diálogo de Platão: “O Sofista”, Sócrates, o jovem e o Estrangeiro, ambos discutem sobre quais as partes das ciências teóricas para descobrir e definir qual a ciência que cabe dirigir ou criar ou mesmo pastorear os homens. O equívoco se dá no diálogo entre os pares em afirmar que existem dois gêneros de seres vivos: gênero humano e, de outro lado, todo o restante dos animais, construindo um só bloco.

Percebendo o erro e dialogando, reconstruíram o raciocínio¹⁵.

O equívoco de Aristóteles está em:

Há na espécie humana indivíduos tão inferiores a outros como o corpo o é em relação à alma, ou a fera ao homem; são os homens nos quais o emprego da força física é o melhor que deles se obtém. Partindo dos nossos princípios, tais indivíduos são destinados, *por natureza, à escravidão*; para eles, nada é mais fácil que obedecer. Tal é o escravo por instinto: pode pertencer a outrem (também lhe pertence ele de fato), e *não possui a plenitude da razão*. Os outros animais dela desprovidos

¹⁵ Cf. Platão. Os pensadores, 1991, p. 206).

Para esta questão, realizar um estudo e refletirmos filosoficamente sobre essa idéia, da vida ser o caminho para a destruição. O mundo coetâneo está repleto de questões, de problemáticas a serem revistas e rediscutidas. A partir dessas questões surgem indagações: Esse homem pensa? É um ser racional? Cabe atribuir-lhe o adjetivo? Ou há de ser um ser que ainda caminha, como a filosofia no Brasil para uma realização num futuro próximo?

Sem saber o que se quer, sem saber o que se é, não só para educar-se, mas educar é um passo significativo para o conhecer, para o evoluir, pois como disse Hesíodo no Erga:

É por certo o melhor dos homens aquele que tudo pondera e examina o que, finalmente, é justo. Bom é também o que sabe seguir os retos ensinamentos do outro. Só é inútil aquele que não descobre por si mesmo nem aceita no seu coração a doutrina do outro (ERGA 633 apud JAEGER, 2001, p. 100 – 101).

Educar-se e educar é necessário, a não ser que se queira uma vida inútil, mas para uma vida que condiz com a racionalidade são necessárias diretrizes, objetivos e logicamente um modelo a seguir.

No apogeu cultural filosófico da Grécia Antiga, nunca tido em momento algum, não nos diz nada?

3.4- O ERRO NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO

Ter os filósofos antigos como exemplos de uma tradição imorredoura para toda a história é um fato incontestável. Os gregos criaram a filosofia e nos ensinaram a filosofar, para isso é só olharmos os seus exemplos. Mas nós, por outro lado insistimos em filosofar somente a partir deles e não por nós mesmos. Hoje, o homem parece que tem medo de pensar, ou se julga incapaz. Tem medo de ir contra o pensamento de alguém.

Realizar uma pesquisa para sabermos como eram os estudos na Academia de Platão, pode nos auxiliar na compreensão do filosofar, pois ali criou -se¹³ um ambiente de estudos filosóficos que nos auxiliará na compreensão do processo do filosofar grego.

Das atividades da Academia sabe-se que:

Antes de tudo busca a inquietação, reformulação permanente e multiplicação das vias de abordagens dos problemas, a filosofia sendo fundamentalmente filosofar – esforço para pensar mais profunda e claramente (PLATÃO, 1991, p. XII).

A filosofia é um diálogo com a época em que se vive, faz-se filosofia descobrindo problemas, propondo soluções e discutindo-as. Como Ortega & Gasset (2002) disse: “Eu sou eu e a minha circunstância¹⁴”. Quer dizer o indivíduo é ele e a situação em que se encontra. Temos hoje um arsenal de problemáticas para serem discutidas restritas ao agora que reclama pensarmos e discutirmos sobre, como a questão ética na engenharia genética, as implicações éticas na clonagem de humanos ou mesmo de certos órgãos de seres humanos. O homem continua a buscar formas de sobrevivência, mesmo que ironicamente destruindo os recursos criados por aquela força universal que lhe possibilita sobreviver, oriunda dos recursos naturais. Sendo este o único meio natural para a sobrevivência da espécie, o homem polui o ar, contamina a água, destrói a flora e a fauna, etc.

Se perguntarmos a qualquer homem se ele quer morrer, a resposta é conhecida, no entanto está se suicidando gradativamente, vivendo e buscando a sua sobrevivência.

¹³ Creou – Há uma diferença importante de se notar entre as palavras criar e criar , como diz o professor brasileiro de filosofia: Huberto Rohden diz: “Criar é a manifestação da Essência em forma de existência – criar é a transição de uma existência para outra existência”. Quer dizer, o Poder infinito é o criador do Universo, e um boiadeiro é um criador de bois. Houve a substituição da tradicional palavra latina crear pelo neologismo moderno criar. E ainda: “A conhecida lei de Lavoisier diz que na natureza nada se cria e nada se aniquila, tudo se transforma, se grafarmos ‘nada se crea’, esta lei está certa mas se escrevermos ‘nada se cria, ela resulta totalmente falsa.” (Huberto rohden, *o pensamento filosófico da Antigüidade*, Vol. I. Esse pensamento encontra-se na Advertência do início do livro. Ver citação em Referências Bibliográficas).

¹⁴ Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (p. 34).

Todos os dezesseis entrevistados concordam que não há o estímulo cultural nem acadêmico para o brasileiro se sentir em condições de filosofar; como Giannotti (apud NOBRE; REGO, 2000) observa, somente no terreno do debate e da discussão das idéias de brasileiros feitos por brasileiros é que se terá uma filosofia no Brasil.

3.3- POR QUE NÃO FILOSOFAMOS

Por que não fazemos filosofia como na Grécia Antiga, precisamente na Era Clássica da tríade filosófica: Sócrates, Platão e Aristóteles? O mundo que esses personagens viveram é o mesmo que vivemos, tinham problemas, dificuldades e o conhecimento a atingir. Esses foram homens e nós somos homens. Mudam-se objetivos de vida, mas a vida é a mesma; mesmo com a peculiar tecnologia que é a realidade de nossa era e novidade para a Tríade de filósofos, o humanismo de Sócrates, o mundo das idéias de Platão era o novo para aquela época. A vida continua e parafraseando o cantor e compositor Cazuza “o tempo não pára” o homem continua a perpetuar sua espécie. Na verdade, e alguns não acreditam, em potência e/ou capacidade intelectual, não somos nem melhores e nem piores que os gregos. A diferença talvez esteja no fato dos gregos dedicarem o seu tempo às suas questões, a pensar por si mesmos e a ter coragem de defender suas teses. Eles filosofavam porque confiavam em si mesmos, se dedicavam e valorizavam seus problemas e preocupações e se valorizavam.

Hoje, temos melhores condições epistemológicas, históricas e um acesso a informações de toda e qualquer parte do mundo para filosofarmos, mas parece que essa vantagem ao invés de favorecer é um obstáculo, talvez se deve às condições acadêmicas, porque enquanto os gregos não tinham filósofos clássicos para citar e comentar, nós os temos.

3.2- O PORQUÊ DA NÃO EXISTÊNCIA DA FILOSOFIA BRASILEIRA¹²

Os argumentos que levam a uma conclusão que não há filosofia no Brasil, está em *Conversas com filósofos brasileiros*, pois a maioria, chamam a atenção para a falta de uma tradição que incentive o debate de idéias, como Giannotti (apud NOBRE; REGO, 2000, p. 98) nos fala: “A filosofia brasileira significa esse debate sendo feito lanço um livro, o outro lê, o digere e rebate, assim por diante”. Esse debate não nasce expressamente de uma polêmica, nem tampouco a oposição de idéias que deve ser considerada como uma luta entre inimigos, ou como uma disputa de quem sabe mais, onde dali sairá um vitorioso e um derrotado; mas uma discussão para a construção do conhecimento. Na vida cotidiana acadêmica em sala de aula, sentir-se ofendido por uma colocação contrária ou por uma discordância à idéia ou posição que a pessoa defende é normal, e noventa por cento destas idéias são de algum filósofo já morto, e, tanto professores quanto alunos se sintam ofendidos e atacados intimamente.

Uma crítica pública do que outro colega pensa ou afirma é geralmente tomada como uma ofensa, uma falta de consideração ou uma declaração de guerra. Tenho visto isso, o que me deixa perplexo (PALÁCIOS, 2004b, p. 46).

O professor latino-americano, Gonçalo Palácios, acredita que os brasileiros têm condições seguras e claras para chegarem a fazer filosofia, buscando na constatação de nomes respeitados e reconhecidos no mundo inteiro em outras áreas de cultura como na literatura, música, artes, como na ciência e na tecnologia (PALÁCIOS, 2004b, p.47).

Não existe filosofia brasileira porque a discussão que poderia acontecer nem sequer começa.

¹² Quando usamos a expressão “filosofia brasileira” com isso não queremos dizer que exista uma filosofia brasileira ou que haja filosofia alemã, filosofia italiana, mas que não há filosofia no Brasil como há naqueles países.

próprio por falta de estímulos para filosofarem por conta própria. E Porchat é confiante,

Tenho a impressão de que os estudos filosóficos no Brasil neste momento são surpreendentemente promissores, as gerações novas, que estão aparecendo cada vez mais, em diferentes lugares do país, estão produzindo trabalhos filosóficos sérios.(PORCHAT apud NOBRE; REGO, 2000, p. 126).

É a filosofia em gestação.

Ao longo das entrevistas em *Conversas com filósofos brasileiros* (NOBRE; REGO, 2000), observamos que o ensino de filosofia no Brasil inicia-se sobre a concepção de que não era possível filosofar. Uma das causas significativas está na influência do método estruturalista francês, trazido por professores daquele país que criaram o Departamento de Filosofia da USP, nos anos 30. Tal método privilegia a leitura da estrutura do discurso filosófico e deixa de lado qualquer possibilidade de se filosofar por conta própria. Porchat esclarece:

Na perspectiva estruturalista de Guérout e Godschmidt, não cabia mais o enveredar por um caminho filosófico original; o importante era conhecer as estruturas do pensamento filosófico, e o conhecimento das estruturas não pode ser conseguido senão pelo estudo das obras dos filósofos e pela descoberta das lógicas internas que as estruturam (Idem, p. 122).

Todos aqueles que foram entrevistados e que se formaram no Departamento da USP, ou não nesse departamento são unânimes em afirmar que não há filosofia e nem filósofos brasileiros; e é de se surpreender, negam o adjetivo de “filósofo” para si mesmos. Negam no sentido de que não há filosofia brasileira como há literatura brasileira, a exemplo como as obras de Bernardo Guimarães, Lima Barreto, José de Alencar e tantos outros. Todos aceitam para si o título de estudioso em filosofia, pensador, erudito, mas não o de filósofo.

A partir desse tipo de escrita de textos, por vezes o encadeamento de idéias não se dá, compromete toda a construção do raciocínio onde se perde na compreensão do conteúdo. Pode haver aqui e ali um ou outro aluno que domine aquela língua, ou que os estudantes busquem por si mesmos traduzir e compreender ou mesmo supor o sentido do termo pelo contexto do mesmo. Querer dominar a língua Alemã, o Latim, o Grego, a língua Francesa, etc. É o desejo de todo estudioso, ainda mais de filosofia.

Existem, no meio filosófico, aqueles que defendem a idéia que nos discursos filosóficos é e deve ser de difícil entendimento, e acreditam que a pessoa tem de “falar difícil”, e chegam a dispensar o discurso claro como algo sem importância ou sem valor filosófico.

Eu, [Bornheim] dou muita importância a escrever bem, e isso é um trauma na minha vida. Sou um ‘alemão’, e não sei até que ponto consegui recuperar o tempo perdido em relação à língua portuguesa (BORNHEIM apud NOBRE; REGO, 2000, p.56).

A resposta de Oswaldo Porchat, à pergunta se seria possível falar de uma filosofia brasileira não é diferente das dos outros entrevistados do livro *Conversas com...*, como a oferecida por Giannotti.

A mim parece que, apesar de certamente haver muitos filósofos de excelente qualidade no Brasil, eles não tiveram ainda condições pessoais e culturais para elaborar uma filosofia própria. Há alguns nomes, aqui e ali, dos quais se pode dizer que têm uma contribuição filosófica própria, pessoal, e que produziram alguma coisa que é uma filosofia brasileira em gestação. E eu acredito no porvir da filosofia brasileira (PORCHAT apud NOBRE; REGO, 2000 p. 126).

A resposta de Porchat à primeira vista nos parece um pouco contraditória, mas ele quer dizer que não há filosofia no Brasil e nem filósofos porque os pensadores ainda não tiveram condições pessoais, intelectuais e culturais para construir um pensamento

Tanto Porchat, quanto Bornheim (apud NOBRE; REGO, 2000) que são ilustres professores de um dos centros acadêmicos mais importantes do nosso país, criticam e nos falam sobre o uso de dialetos usados em textos filosóficos de forma incompreensível, que esse tipo de linguagem nos afasta do estudo de filosofia. Num texto publicado no ano de 1975, *Prefácio a uma Filosofia*, lembrada e citada pelos entrevistadores de *Conversas com filósofos brasileiros*: Nobre e Rego (2000), Porchat diz que: “Buscando o diálogo, o filósofo construirá seu discurso com simplicidade. Não recorrerá a termos esdrúxulos, nem a um jargão complicado”. E hoje o filósofo acrescenta:

Acho que na filosofia da ciência, na filosofia da lógica, na teoria do conhecimento em todo e qualquer ramo da filosofia [...] é realmente necessário não escrever em ‘filosofês’, mas conseguir ser claro usando os meios de língua vernácula e escrever de tal modo que um homem de relativa informação e, é claro, com uma certa base cultural possa compreender. Continuo desconfiado até hoje dos que falam difícil em filosofia. Expressar-se de modo difícil é na verdade deixar transparecer uma certa falta de rigor intelectual. Conforme a frase de Wittgenstein, o que não se pode dizer, não deve ser dito. Eu acho que o que não se pode dizer com clareza não deve ser dito (PORCHAT apud NOBRE; REGO, 2000 p.125).

Porchat critica, como claro está nesse trecho, a importância da utilização na produção de um texto, do emprego de terminologias que possam ser compreendidas pelos leitores.

Para haver diálogo é preciso que haja entendimento, E, por inúmeras vezes, nos deparamos com textos onde o tradutor deixa, não o sei porque, talvez, por dar ênfase ou mesmo como é o caso de termos como *Paidéia* e *areté* não encontrar na língua portuguesa, como nos é dito, um sinônimo que traduza na íntegra o seu significado morfológico. Mas mesmo nesse último caso podemos ter uma noção da idéia daqueles termos. O que é complicado e o que Gerd Bornheim e Porchat discorrem é a utilização de termos, expressões que parecem um malabarismo e jogos de palavras.

PROFESSOR JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI

É o próximo a ser entrevistado. Ele é um dos mais conhecidos pensadores brasileiros:

José Arthur Giannotti¹⁰. Tanto Giannotti, quanto Nunes coadunam que não há filosofia no Brasil porque não há uma cultura brasileira que propicie a filosofia. O brasileiro prefere o que vem de fora a debater o que se publica aqui no Brasil. Giannotti enfatiza:

A filosofia significaria esse debate sendo feito: lanço um livro, o outro o lê, o digere e rebate, e assim por diante. Como nós continuamos na situação de ser interrompidos pelas ondas culturais, a filosofia continua sendo mero epifenômeno do pensamento brasileiro (GINNOTTI apud NOBRE; REGO, 2000, p.98).

Desde o aparecimento da filosofia na Antiga Grécia, esta traz em seu teor, teses e teorias sendo discutidas, debatidas, avaliadas e criticadas. Num país onde não existe a tradição do debate de idéias, onde não há artigos e/ou livros para uma discussão que motivem novas pesquisas para então serem debatidas/discutidas o pensamento filosófico não encontrará ambiente para se proliferar. Mas haverá sim como ocorrem em Semanas Filosóficas, Colóquios e em trabalhos monográficos ou em simples trabalhos acadêmicos à apresentação de belas e significativas historiografias e comentariologias de filosofia.

PROFESSOR OSWALDO PORCHAT

O quinto pensador a participar da entrevista e último dos entrevistados a ser abordado neste trabalho, é o professor hoje aposentado pela USP, Oswaldo Porchat¹¹.

¹⁰ José Arthur Giannotti, nasceu em 1930 em São Carlos (SP). É professor emérito da USP. Sua entrevista foi realizada em 2000.

¹¹ Oswaldo Porchat, nasceu em 1933 em Santos (SP). Graduou-se em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e em Filosofia pela universidade de Rennes (França), tendo obtido o título de doutor em Filosofia pela USP. Criou o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLC) da Universidade Estadual de Campinas e as revistas *Manuscrito*, *Cadernos de Filosofia e História da Ciência* e *Journal of Non-Classical Logic*. Esta entrevista realizou-se em 1999.

Nunes quer dizer que se passarmos a conversar e discutir com os filósofos e não somente falar sobre eles, mas dialogarmos com eles, dessa forma caminharemos para a produção filosófica.

A filosofia no sentido tradicional do termo não há no Brasil porque para Nunes, “As condições de cultura brasileira, até certo momento, não foram propícias à filosofia nesse sentido” (NUNES, apud NOBRE; REGO, 2000, p.79). E isso se deve, diagnostica Benedito Nunes, ao autodidatismo no meio filosófico como uma espécie de ideologia conservadora.

Ainda é perguntado a Nunes sobre a sua avaliação sobre o ensino de filosofia no Brasil nos nossos dias, ele diz:

O ensino de filosofia no Brasil, como acontece em geral com todo ensino universitário, está muito prejudicado no sentido quantitativo que ele assume. É uma espécie de grande armazém de horas-aula. Com isso, devido a essa carga horária, falta muitas vezes ao professor uma disponibilidade para enfrentar os textos com o aluno. Lê-se pouco. Às vezes, aos estudantes falta o conhecimento de línguas estrangeiras, e temos de traduzir. Ou então recorrer a uma tradução (Idem, p. 79).

O depoimento de Benedito Nunes nos lembra das dificuldades de tradução e a limitação na amplitude do estudo de filosofia. Ter professores políglotas e alunos com o domínio, no mínimo, de língua grega e inglesa, seria o esperado para um bom estudo de filosofia. Mas a realidade é outra, o aluno quando chega à faculdade não traz um o conhecimento de línguas, quando muito uma noção básica de língua inglesa. E diante dessa realidade a faculdade ou a universidade não se preocupa disponibilizar uma disciplina para o estudo de língua grega que seja paralela ao estudo de história antiga utilizando-se de termos gregos parte do vocabulário e de expressões típicas da filosofia. As traduções de várias obras filosóficas carregam consigo muitas expressões ou mesmo frases daquela língua. E nós acadêmicos somos prejudicados no entendimento daquele pensamento por não conseguir traduzi-las. Pela ausência de dicionários específicos para tal e nem professores que o traduzam.

Como é que se pode julgar Kant, por exemplo? Para mim, ele fez uma interpretação do modo pelo qual funcionava, na época, a cabeça de Newton. Ele só tinha uma ciência, que era a física matemática, ou seja, Galileu e Newton. Então aquele tipo de saber científico era o saber científico. Mas não faz sentido ter uma atitude dessas, pois é uma limitação fantástica. Prefiro então deixar a ciência de lado (BORNHEIM, apud NOBRE; REGO, 2000, p. 59).

Buscamos respostas para nossos problemas e/ou para questões típicas da contemporaneidade a partir de filósofos do passado, já mortos, pode ampliar nossos horizontes para a questão; saber como se portaram diante de um problema semelhante, no mesmo campo, a saber, analisando soluções e posicionamento de forma crítica e coletando as suas experiências e estudos; como as dos filósofos clássicos da Grécia Antiga, fontes imorredouras de estudo para a humanidade. Mas como Bornheim o disse, não dá para utilizarmos teses de filósofos pretéritos para solucionarmos problemas coetâneos que superam as ferramentas utilizadas naquela época.

PROFESSOR BENEDITO NUNES

Benedito Nunes⁹ é o quarto a ser entrevistado, e foi mais direto à resposta sobre se há ou não filosofia no Brasil:

Se pensarmos em uma filosofia com características brasileiras, como na concepção do mundo que só o Brasil proporciona por ser Brasil, a minha resposta é não.

E prossegue: ou continuamos o diálogo com Platão, Aristóteles, Descartes, Kant e Hegel, ou não há filosofia (NUNES apud NOBRE; REGO, 2000, p.79).

⁹ Benedito Nunes, nasceu em 1929 em Belém (PA). Hoje é professor emérito da Universidade Federal do Pará. Sua entrevista foi realizada em 2000.

Podemos perceber a partir desse exemplo que ao longo da história da filosofia no Brasil, formavam-se, e ainda formam-se eruditos, leitores, comentadores, isto é, professores de filosofia e não filósofos ou filósofos-professores.

PROFESSOR GERD BORNHEIM

Gerd Bornheim⁸, é o terceiro entrevistado. E ele acredita que para haver filosofia no Brasil é preciso uma tradição cultural e a relação da filosofia com a cultura brasileira, ele diz:

Elas não estão muito boas, e resolver muitas vezes em termos de ironia [...]. Gostaria que houvesse, de um lado, um maior intercâmbio com a política e as ciências sociais, e, de outro, com a crítica literária (BORNHEIM,apud NOBRE; REGO, 2000, p.54).

Bornheim acredita que o filósofo tem uma responsabilidade com a sociedade em que está inserido, e afirma:

O senso de responsabilidade não é simplesmente algo de interior, mas remete, em primeiro lugar, à sociedade. É sentir-se responsável dentro da sociedade na qual a gente vive - essa é a grande responsabilidade (Idem, 2000, p. 58).

Porém não é o que mostram os textos estritamente filosóficos escritos por brasileiros, como o professor Gonçalo Palácios pondera em seu livro *Alheio olhar* (PALÁCIOS, 2004b, p. 29).

O professor titular de ética e filosofia da USP, Renato Janine Ribeiro, faz um apelo à preocupação por parte da filosofia para com a sociedade. Podemos perceber ao longo da entrevista a Gerd Bornheim o interesse dele com o presente e com a verdade hoje.

E ele afirma que a ciência em nossos dias não é o que era para Kant, por exemplo. Pensar a ciência hoje em termos Kantiano é altamente problemático.

⁸ Gerd Bornheim, nasceu em Caxias do Sul, em 1929. É professor titular e aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi entrevistado em 2000.

O filósofo-professor Gonçalo Armijos Palácios⁷, professor de filosofia da UFG, diz que essa atitude é dominante no Brasil. A de sugerir que tudo de importante já foi dito ou antecipado por este ou aquele filósofo clássico, de preferência, já morto há muito tempo (PALÁCIOS, 2004b, p. 17). A idéia é então que não há nada de novo para filosofar. E questionamos, questões como: clonagem, bioética, transgênicos, eutanásia, por exemplo, já foram discutidas?

Para o padre Vaz a filosofia não lida com problemas efêmeros, por ela ser fundacional, estaria mais relacionada a questões permanentes.

Ligo-me a uma tradição a qual a filosofia eleva-se, como que por um movimento inato à sua natureza, sobre o transitório e o *évenementiel* e procede à busca de *princípios* que são também *fundamentos*. Em outras palavras, só entendo a filosofia como 'fundacionista', para usar um termo hoje em moda (VAZ, apud NOBRE; REGO, 2000, p. 36) (Grifos do autor).

A partir das colocações do padre Lima Vaz, notamos que o seu pensamento é mais um aprofundar-se em conceitos herdados da tradição filosófica do que respostas teóricas próprias às exigências do seu tempo.

Nós como estudantes de filosofia vivenciamos isso, somos forçados a ler os textos e sermos desencorajados a nos posicionarmos pessoalmente perante o que lemos. O estudo dessa forma da filosofia nos conduz a entender somente o que os filósofos disseram e nada mais. Gonçalo Palácios diz que a tendência é privilegiar, como filósofo, só quem lida com esses problemas 'fundacionis' negando-se o adjetivo 'filósofo' àquele que não se insere naquela tradição (PALÁCIOS, 2004b, p. 19-20).

⁷ Gonçalo Armijos Palácios, nascido em 1955 no equador, formado na PUC do Equador em 1982 e Indiana University (EUA), 1990 Ética e Filosofia Política/Filosofia da Linguagem e Conhecimento/Filosofia. Filosofia Moderna e Contemporânea. Hoje é professor titular de graduação e pós-graduação da UFG e vice-diretor dessa instituição.

Esse exagero demasiado na preocupação e atenção ao texto a ponto de não ir além dele, em direção a uma pergunta pessoal no processo hermenêutico de interpretação propicia a uma total influência, e o exercício das histórias das idéias e não o desenvolvimento de um pensamento próprio.

Reale acredita e afirma que hoje já se pode falar numa filosofia brasileira, tal o número de autores que tomaram posição própria diante dos grandes pensadores.

Esses grandes pensadores, a quem Reale se refere, são os de fora. Ninguém dos entrevistados ousa falar de um “grande pensador”, tido como filósofo nascido no Brasil.

Para Reale, a possibilidade de poder falar de filosofia brasileira, não se deve ao fato de não haver grandes pensadores brasileiros que escreveram obras filosóficas de alcance universal, mas porque existe uma “tomada de posição do brasileiro perante a Filosofia” (Idem, p.22).

PROFESSOR HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ

É o segundo a ser entrevistado. Hoje é professor titular aposentado da UFMG.

Lima Vaz⁶ é um exemplo vivo dominante do ensino e da formação filosófica no Brasil. É o leitor, o discípulo que pensa a partir de ou baseado em. Contrário a Reale que se caracteriza como um intelectual que filosofa porque quer resolver os desafios teóricos que surgem no seu caminho, fazendo-o por conta própria, mesmo que isso o leve a discordar de teórico clássico ou não da filosofia. Durante toda a entrevista não existe resposta filosófica que não mencione Hegel como o fundamento ou inspiração do seu próprio pensamento. Quando questionado sobre a possibilidade de falar numa filosofia no Brasil, por exemplo, Vaz afirma que o nascimento da filosofia obedece a condições já descritas por Hegel.

⁶ Henrique Cláudio de Lima Vaz, nasceu em Ouro Preto (MG) em 1921. A entrevista foi realizada em 1999.

III - DO ESTUDO E ENSINO DE FILOSOFIA NA ACADEMIA HOJE

3.1- EXISTE FILOSOFIA E FILÓSOFOS NO BRASIL?

Ao longo das entrevistas, de *Conversas com filósofos brasileiros*³, percebemos um certo desconforto entre os entrevistados quando devem responder à pergunta: “Seria possível falar de uma filosofia brasileira⁴?” Todas as respostas culminam para um tímido não do que para um enfático sim. Qualquer que seja a opção do entrevistado este julga ser necessário esclarecer a sua resposta.

O que não aconteceria se perguntasse a um estudioso de filosofia se há filosofia na Alemanha ou na França, por exemplo.

PROFESSOR MIGUEL REALE

O primeiro a ser entrevistado, Reale⁵, fez uma crítica ao Departamento de Filosofia da USP “que nunca houve a preocupação da revelação autônoma”, fato que leva a uma atitude passiva e omissa que tem caracterizado os profissionais da filosofia no Brasil.

É claro que isto importava em uma nova atitude filosófica no Brasil, diferente da que vinha dominando, porquanto, infelizmente, o que prevalecia nas universidades era uma atitude quase que passiva diante do texto, sem se envolver com o tratamento da matéria. Era uma interpretação dos grandes autores sem que houvesse o arrojo do pensamento próprio, sem uma preocupação que emerge, não por vaidade pessoal, mas pelo próprio andamento, pelo próprio processar-se da pesquisa, no sentido de formular uma pergunta e tomar uma posição distinta, o que é próprio da imaginação criadora. Então, inegavelmente, na minha experiência pessoal há algo que representa uma tomada de posição pessoal perante o pensamento alheio, não sendo apenas um aperfeiçoamento hermenêutico (REALE apud NOBRE; REGO, 2000, p. 19).

³ Para a realização dos estudos sobre o ensino de filosofia na Academia brasileira buscou-se depoimentos de professores das melhores Universidades e Departamentos de filosofia do Brasil, representando e trazendo as experiências de sete Universidades dos Estados de: SP, RJ, MG, PA, RS, BA e GO.

⁴ Entenda por “filosofia brasileira” a existência de uma filosofia feita no Brasil aos modos desse país com sua cultura.

⁵ Miguel Reale, nasceu em 1910 em São Bento do Sapucaí (SP). É membro da Academia Brasileira de Letras e professor emérito da USP. A entrevista foi realizada em 1999.

Precisamos nos convencer de nossa importância aumentada, e não diminuída, na sociedade. É um luxo que nossas idéias tenham, hoje, o peso que alcançaram. O que devemos fazer é ampliar ainda mais este peso e, se os amigos das ciências permitem a metáfora, fazer que elas entrem no sangue da sociedade, no DNA de nosso tempo (RIBEIRO, 2003, p. 9).

É um desafio para a academia de filosofia brasileira tratar dessa questão para a vida e sobrevivência ativa dessa entidade de conhecimento, de estudo e de ensino.

poetizar e assim em todos os ramos de conhecimento para ensiná-los é preciso que se saiba.

Para formar profissionais competentes é preciso investimento e preparo específico para tal. A realidade que vivenciamos é a presença de inúmeros profissionais atuando em outras áreas da sua formação, eles não são impedidos de exercer essa função, mas por outro lado, comparativamente, seu ensino é inferior.

Saber da realidade do campo de trabalho em que o futuro profissional irá atuar é de suma importância para a instituição e alunos. As dificuldades enfrentadas pelos profissionais em exercício, que com certeza são várias diante do mundo coetâneo, onde vivemos um momento de inércia em especial nas ciências humanas, se fundamentam no fato de que o homem de hoje se recusa a pensar. E é no ambiente do academicismo o lugar ideal para discutir, debater, filosofar com a participação de estudiosos, filósofos-professores, filósofos, professores de filosofia e acadêmicos para buscar soluções ao problema da recusa do homem em pensar. Mesmo que não a encontramos de imediato, discutamos, questionemos, ponderemos e façamos como Platão na Academia que buscava ultrapassar a opinião (doxa) e encontrar a resposta na *epistemé* (ciência).

A filosofia tem participado timidamente do debate público, mas ela pode aumentar e muito a sua contribuição para o conhecimento e mudanças internamente na academia e na sociedade, como por exemplo: no programa de cursos de filosofia, em geral levando em conta a formação dos alunos, os benefícios destes à sociedade ou porque esses estudos ficam restritos ao ambiente interno acadêmico ou ainda só na contemplação.

Como também optar por continuar, como está predominando no meio acadêmico, a busca por um título e não por conhecimento e a formação de historiadores de filosofia e comentadores.

O professor titular de Ética e Filosofia Política da USP, Renato Janine Ribeiro, faz um apelo para o meio Acadêmico de filosofia:

2.4- PROFESSOR DE FILOSOFIA X FILÓSOFO-PROFESSOR

Hoje, aproximadamente vinte e quatro séculos pós-Sócrates e Platão como está a Academia de Filosofia? Como está o seu estudo e ensino? Num curso de licenciatura em Filosofia, qual o espírito que rege esse ambiente? Que princípios, objetivos são trabalhados para a formação desses estudantes e futuros professores de filosofia ou futuros filósofos-professores? Ter seguramente estabelecido os objetivos e organizados sistematicamente as diretrizes para a formação do perfil dos concluintes de um curso é fundamental, seja para averiguar o êxito de todo trabalho dispensado a essa tarefa, seja para avaliar esses profissionais lançados no mercado que carregam o nome da sua instituição, de sua academia.

Entre formar um professor de filosofia ou um filósofo-professor há uma grande diferença. A ação do segundo é a de filosofar com seus alunos como Sócrates fazia na *pólis* grega e como Platão na Academia, como identificamos em suas obras, nos seus diálogos a oposição lógica de teses e a discussão na construção do saber.

Cabe ao filósofo-professor despertar a autonomia de seus alunos, o senso crítico, a fazer acontecer uma interação entre professor e aluno – o diálogo. Será preciso ao filósofo-professor colocar-se na condição de ignorante na busca e na construção do saber perante o seu alunado. O filósofo-professor tratará de temas paralelos ao estudo de autores renomados da história da filosofia.

Quanto ao professor de filosofia, este formará historiadores da filosofia, comentadores, especialistas nesse ou naquele filósofo, isto porque o professor de filosofia não é um filósofo, mas um professor que ministra aulas de filosofia, um erudito, um estudioso de filosofia, mas não um filósofo. Só podemos ensinar aquilo que aprendemos. Assim um professor de arte não precisa ser um artista de renome, mas é necessário ter um conhecimento aprofundado e prático com a pintura. A um professor de música exige-se dele no mínimo o que chamam de musicalidade; a um professor de poesia que saiba

Platão concebia que naturalmente o homem comum detém-se nos primeiros dois graus da primeira forma de conhecimento – a opinião (*doxa*): *eikasia* – imaginação e *pistis* – crença. Os matemáticos, segundo Platão, elevam-se a *noesis* (intelecção) e a ciência suprema. Esse caminho pelo qual a inteligência passa do sensível ao inteligível e vai de Idéia a Idéia, é a dialética, de maneira que busca o amor pelo conhecimento. A filosofia se faz pela dialética.

Portanto, o método dialético é o único que se eleva, destruindo as hipóteses, até o próprio princípio para estabelecer com solidez as suas conclusões, e que realmente afasta, pouco a pouco, o olhar da alma da lama grosseira em que está mergulhado e o eleva para a região superior, [...] (PLATÃO, 2000, p. 247).

Se nos encontramos mergulhados na lama da ignorância, no mundo da imaginação e da pura crença, sem um raciocínio aparente, o que fazer? Nas academias e em especial na academia de filosofia não se trabalha o exercício do pensar por si mesmo, como na Academia de Platão e, indagamos, porque não se utiliza em trabalhos em sala de aula e depois, num futuro, após a assimilação do aluno, extra-sala, o método dialético de Platão e/ou o maiêutico de Sócrates? Para a discussão em conjunto sobre questões do mundo presente desse aluno, do seu trabalho, da própria instituição, no caso do curso de licenciatura, a questão da educação. Não precisamos expressamente atingir as ciências supremas ditas por Platão, nem tão pouco estabelecermos verdades últimas. A preocupação é a de incentivar o aluno a pensar, a criar, a levantar hipóteses. E lembrando que esta vida é breve e não podemos conhecer tudo, podemos sair do senso comum e atingir o conhecimento mais elevado, o conhecimento filosófico, mas estaremos sempre em alguma área do saber (ciência) senso comum.

do universo inseguro das palavras sujeitas à arte enganatória, a saber a dos retóricos. Platão acreditava que os educandos deveriam ser levados, por via do socrático exame do significado das palavras, a contemplação no ápice da ascensão dialética das essências estáveis e perenes.

No *Ménon*², Platão faz uma “experiência maiêutica” que tem um extraordinário alcance demonstrativo. Interroga um de seus escravos absolutamente ignorante de geometria e consegue fazê-lo resolver, apenas interrogando-o socraticamente, com o método maiêutico, uma questão complexa de geometria. A partir daí Platão conclui que ele tirou-a de dentro de si mesmo, da própria alma, ou seja, “lembrou-se dela”. Nós podemos, a partir dessa constatação platônica, dizer que tanto o escravo quanto qualquer homem pode tirar, extrair de si mesmo a verdade que antes não conhecia e que ninguém lhe tinha ensinado.

Os alunos quando chegam à Faculdade e/ou Universidade com suas opiniões, com o primeiro passo para a busca, para o início da elevação para o conhecer, necessitam de um trabalho que indique o caminho a percorrer. Esse processo progressivo será satisfatório ou não, se houver um equilíbrio entre professor/instituição/aluno, uma troca.

A instituição exige qualidade e fornece meios para que essa ação de qualidade se realize e o professor execute e se prepare para a ação direta, contínua na aplicação qualitativa da construção do edifício do saber. Essa progressão exige um incentivo intelectual, que por sua vez se dá a partir, peço licença aos Administradores pelo uso da expressão, input e output, ou seja, entrada e saída de conhecimento, de informações, de conteúdos. Mostrar para o aluno o caminho da construção do saber, a ser produzido por si mesmo. Isto é, romper com o monólogo do professor como transmissor de conhecimentos aos alunos.

² Platão, *Ménon*. 82b – 86c. O texto é considerado uma porta de entrada para o pensamento, de Platão e para toda a filosofia antiga. Esse texto, *Ménon*, faz parte do início do segundo grupo de diálogos de Platão, os diálogos intermediários que representa a maturidade platônica. É o primeiro volume da série Bibliotheca Antigua das Edições Loyola.

oposição lógica de teses. É no diálogo que a filosofia se faz, é por ele que a reflexão filosófica é estimulada e aparece. As grandes teorias que os filósofos produziram é o fruto das discussões teóricas com colegas ou com outros filósofos, seja na Academia ou em outro ambiente qualquer, como na *agora* grega. Um exemplo claro e conhecido de todos está no livro I da República, onde Platão propõe uma definição de justiça por discordar da tese de Transímaco. Platão para refutar a tese de seu discípulo, dedica todo o primeiro livro a avaliar, discutir e refutar a teoria deste.

Com o outro discípulo de Platão, Aristóteles, não foi diferente. Aristóteles julgava a filosofia de seus antecessores, mostrando-lhes as falhas e os equívocos:

Aristóteles procurava alicerçar sua própria filosofia no consenso geral, no *Cnsensum Gentium et Temporum*, ou seja, num suposto acordo subjacente às opiniões das diversas pessoas nas diferentes épocas. Ele não pretendia que suas idéias representassem renovações absolutas, nem manifestação acabada de conceitos que a humanidade vinha progressivamente e espontaneamente elaborando, desde fases anteriores à especulações teóricas (ARISTÓTELES, 1991, p. XIII).

Com essa característica própria de Aristóteles fica garantido à sua filosofia um caráter de posição espontânea, natural e sensata. Temos então mais um exemplo do filosofar a partir de um pensamento ou pensamentos, discordar ou mesmo formular a partir de duas ou mais posições filosóficas um meio-termo ou mesmo um consenso e até a refutação de uma a partir da outra e de ambas. Discordar e mostrar o porquê, em que sentido, acrescentar algo por acreditar que faltou isso que aquele pensamento (idéia) atingisse uma maior abrangência ou uma maior veracidade ao que se propõe.

Na Academia, Platão mostrava a seus discípulos que a atividade humana, desde que pretendesse ser correta e responsável, não poderia ser norteadada por valores instáveis, formulados segundo o relativismo e a diversidade das opiniões. Requeria uma ciência dos fundamentos da realidade na qual aquela ação está inserida. Por trás

Esses, não são apenas professores de filosofia, mas mestres, filósofos-professores. Expunham seus próprios pensamentos em recintos fechados ou mesmo em conferências, como os retóricos da época para um grande público. Eles participavam de:

Colóquios mais livres em tom familiar, girando em torno de um texto que se havia acabado de comentar, de um incidente da vida cotidiana, de uma questão suscitada de passagem para elevar-se a considerações doutrinárias (MARROU, 1975, p. 327).

Havia também conversações pessoais, entre o discípulo e o mestre. O filósofo-professor era um verdadeiro mentor de consciência, a sua palavra refletia em seu exemplo, “o espetáculo edificante de sua sabedoria prática e de suas virtudes” (Idem, p. 328). Havia um elo, freqüentemente, apaixonado de cumplicidade entre o mestre e os alunos, característica marcante do Eros Educativo da Grécia antiga, onde os discípulos cultivam uma afeição terna de admiração pelo mestre. O filósofo aspira a definir, conquistar, possuir e transmitir uma sabedoria pessoal.

O discurso em consonância com o exemplo pessoal do mestre é fundamental para o fortalecimento, respeitabilidade do ensino e/ou do discurso que se propõe. Os mestres gregos tinham objetivos, propósitos a seguir, uma *areté*, a exemplo os gregos-helenísticos buscavam o fim que a natureza humana supõe ou exige, o Soberano Bem, cuja posse coroa as aspirações dessa natureza e assegura ao homem a felicidade. Tudo o mais não importa diante dessa preocupação fundamental.

2.3- DO FILOSOFAR GREGO

Toda a filosofia grega é o resultado das discussões entre amigos, um embate de idéias, teses e teorias antagônicas. Platão nos ensina que a discussão, como era ministrada na Academia, é a

2.2- ESCOLA DE EPICURO E A ESCOLA ESTÓICA DE ZENÃO

Ainda nos encontramos longe dessa realidade e, ainda longe da dos mestres-fundadores da Escola Epicúrica, Epicuro e da Escola Estóica de Zenão. Essas escolas tinham sua própria doutrina e defendiam seus ideais de vida.

Segundo o professor e historiador Henri Morrou:

O estudo, propriamente dito, da filosofia começa por uma iniciação bastante elementar: em qualquer que seja a escola, começa-se pela aquisição de algumas noções gerais de história da filosofia: o estudante grego, como hoje os nossos estudantes, aprendia que o pensamento alcançara voo na Jônia, com os grandes 'físicos' (MARROU, 1975, p. 326).

Antes de Marrou, na época de Marrou, e ainda hoje os cursos de filosofia seguem esse modelo para dar início ao estudo de filosofia. Após essa etapa de estudos voltados para a história da filosofia, havia os estudos exotéricos a respeito do estudo da doutrina própria da escola com o intuito de uma iniciação elementar na aquisição de algumas luzes sobre o conjunto das doutrinas filosóficas. Era apenas um simples complemento de cultura geral.

O verdadeiro ensino escolar filosófico propriamente dito, iniciava depois com um duplo aspecto: “em primeiro lugar, o comentário dos clássicos da seita, e inicialmente, das obras do maior ancestral, do fundador – Platão, Aristóteles, Epicuro, Zenão ou, mais freqüentemente, Crisipo (entre os estóicos)” (Idem, 1975, p. 327). E ainda liam os textos clássicos, explicavam e comentavam. O outro aspecto do ensino, característico de qualquer escola grego-helenística, era uma parte mais pessoal e mais vivo: “o professor também falava diretamente em seu próprio nome, e comunicava a seus discípulos o sumo de seu próprio pensamento e de sua sabedoria” (Ibidem, p. 327). Podemos ver isso em Plotino, por exemplo.

II - DO ESTUDO E ENSINO DE FILOSOFIA NA ACADEMIA ONTEM

2.1- ACADEMIA DE PLATÃO

A academia de Platão foi o primeiro instituto de investigação filosófica do Ocidente. Ali se desenvolvia um ideal de educação autônoma; ensinar o livre espírito de pesquisa, o compromisso do pensamento com a verdade, o estímulo à autodeterminação ética e política. O mestre da Academia não transmitia doutrina, mas ensinava a pensar. Prevalencia na instituição o dever de procurar o que não se sabe; em vez de transmitir valores éticos e políticos ensinava-se a criá-los, a partir da reflexão e da teoria. Na Academia prevalecia o espírito socrático a discussão oral e o desenvolvimento do vigor intelectual dos acadêmicos eram mais importantes do que as exposições escritas.

A primeira escola filosófica foi a de Pitágoras fundada na cidade de Crotona (Reale, 1993, p.75).

[...] é uma verdadeira escola que absorve o homem por inteiro e lhe impõe um estilo de vida, é uma instituição organizada, com sua sede, suas leis, suas reuniões regulares, que toma forma de uma *confraria religiosa* consagrada ao culto das Musas e, depois da morte de seu fundador, ao culto de Pitágoras heroificado. Instituição característica será mais tarde imitada pela Academia de Platão, pelo Liceu de Aristóteles, pela escola de Epicuro, e permanecerá como a forma típica da escola filosófica grega (MARROU, 1975, p. 82).

Uma das características que outorga a Academia de Platão como o primeiro instituto de investigação filosófica do ocidente é o fato de suas investigações estarem voltadas para um amplo campo de pesquisa fora do aspecto religioso e a busca da originalidade, e:

Platão tornou-se o primeiro dirigente de uma instituição permanente, voltada para a pesquisa original e concebida como conjugação de esforços de um grupo que vê no conhecimento algo vivo e dinâmico e não um corpo de doutrinas a serem simplesmente resguardadas e transmitidas (PLATÃO, 1991, p. XII).

Para realizarmos esse estudo, do ensino e estudo de filosofia na Faculdade ou na Universidade e também a responder àquelas indagações no início desse texto, primeiro se faz necessário responder a outras duas questões: Existe filosofia no Brasil? E ainda: Existem filósofos brasileiros?

O professor de filosofia da Unicamp e pesquisador do Cebrap e doutor em filosofia pela USP Marcos Nobre juntamente com José Márcio Rego, professor e doutor em Economia e em Semiótica, realizaram uma pesquisa em forma de entrevista com dezesseis filósofos brasileiros¹, escolhidos levando em consideração àqueles que nasceram por volta de 1940 e antes.

A justificativa para isso se deve à criação dos cursos de pós-graduação em filosofia e a massificação dos cursos de graduação que ocorreram nas décadas de 1960 e 1970 como resultado do trabalho de pessoas que deviam ter nascido até 1940, ou um pouco antes.

O número de dezesseis não quer dizer que há apenas essa quantidade de filósofos no Brasil, mas por uma questão de extensão do volume do livro, e por esses que foram selecionados serem mais conhecidos e citados por outros colegas e também levando em consideração a atuação no meio filosófico.

Para o estudo desta dissertação monográfica também será restrito o número de seis filósofos. Em alguns momentos um ou outro será citado por uma questão de conveniência, ênfase e esclarecimento. A escolha de apenas seis dos entrevistados se deve por acreditar ser o pensamento e depoimentos destes suficientes para o início desse estudo sobre o ensino de filosofia no Brasil.

Os nossos estudos e reflexões, em *Conversas com filósofos brasileiros (2000)* girarão basicamente em torno de uma, apenas, das dez perguntas, feitas aos entrevistados: “*Seria possível falar de uma ‘filosofia brasileira?’*”. Como o (a) senhor (a) vê as relações entre a filosofia e a cultura brasileira?

¹Conversas com filósofos brasileiros, São Paulo: 34, 2000. 431p.

Estar aquém dessa realidade, do exercício do pensar, da busca do conhecimento e de si mesmo, é excluir-se da racionalidade, é deixar de viver por si e viver em função do acaso, manipulado por outrem. Pôr em exercício o pensar, o raciocinar é respirar a filosofia.

Diante dessa realidade, objetivo realizar um estudo, uma reflexão sobre a realidade do ensino de filosofia ontem e a filosofia hoje. Fomentar a discussão e a ação que propicie aos historiadores de filosofia, a aquele que se considera ou não um filósofo, aos acadêmicos de filosofia a voltar os olhos para si mesmos como estudiosos, profissionais e amantes da filosofia. Que se ocupem com questões referentes à existência do homem como um ser pensante, atuante e dono de si mesmo. O estudo de filosofia propicia um viver autenticamente, um estudo prático em contexto com a realidade coetânea é a ferramenta modal para a montagem da engrenagem da máquina mundana. Aprender fazendo e discutindo.

Conhecer outras realidades, analisar, estudar, adotar aprimorando ou ratificando as experiências pretéritas como parâmetro para não cometer os mesmos erros e a errar menos. Avaliar e concluir uma boa forma de se ter êxito, tanto profissional quanto pessoal, pois que o objetivo de todo e qualquer educador e, principalmente, do filósofo ou do estudioso em filosofia é criar mecanismos, possibilidades para o desenvolvimento do ser humano e, nessa proposta em particular, objetiva-se discutir o estudo e o ensino de filosofia, a partir de estudiosos da área filosófica e o depoimento de intelectuais conhecidos a nível nacional e internacional, e de professores das melhores universidades e departamentos de filosofia do Brasil, além de grandes filósofos clássicos da filosofia, e ainda do filósofo-professor latino americano Gonçalo Armijos Palácios.

Dessa forma as pesquisas e estudos, serão conduzidos num primeiro momento ao berço da civilização grega, no nascer da filosofia com os filósofos físicos à Academia de Platão. Coletando dessa realidade a experiência e o exemplo de Platão como Mestre (Filósofo-professor) e o filosofar dos primeiros filósofos do Ocidente.

INTRODUÇÃO

Saber o perfil profissional que o mercado exige em relação aos graduados dos mais diversos cursos é importante para a inserção do mesmo no campo de trabalho. Saber da realidade daqueles que já estão inseridos, das ferramentas utilizadas na ação laborial na construção de si mesmos e das contribuições ao meio social como indivíduos e, mais ainda, como cidadãos, é importante para atingir o êxito desejado.

Como estudantes de filosofia, iniciantes não somente no exercício do pensar, mas do raciocinar, sentimos, percebemos a significância para qualquer época e contexto, e hoje como nunca, a necessidade de termos cidadãos como na *pólis* grega -Atenas. Necessitamos de indivíduos conscientes de seu papel no meio em que vivem, com capacidade de dominar conceitos, de desenvolver o pensamento abstrato, crítico e criativo. Carecemos ainda, por em voga o axioma socrático: "*Conhece-te a ti mesmo*". Conhecer a si mesmo, seu potencial pessoal e profissional, para melhor exercer suas funções como: indivíduo, cidadão e profissional.

Fazemos parte de uma sociedade que exige um perfil profissional flexível e polivalente, com formação que privilegie, entre outras coisas, a formação do raciocínio lógico, a capacidade de aprender a apreender e a iniciativa de resolver problemas.

O mercado de trabalho quer um profissional competente, apesar de ainda haver "apadrinhamento", mas por outro lado este não consegue manter-se num mercado competitivo hodierno. E as portas para aquele que conhece existem e estão abertas.

Dominar o que se faz, conhecer o seu público é um passo determinante para alcançar bons resultados. A partir e dentro dessas perspectivas surgiram minhas preocupações como formanda para o exercício da Docência em Filosofia e num futuro próximo como uma Filósofa-professora. As exigências mercadológicas não estão além da capacidade humana, pelo contrário, é o que é naturalmente o homem, é o homem no seu exercício natural e pleno de ser.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| I. INTRODUÇÃO..... | 07 |
| II. DO ESTUDO E ENSINO DE FILOSOFIA NA ACADEMIA ONTEM..... | 10 |
| 2.1. A Academia de Platão..... | 10 |
| 2.2. A Escola de Epicuro e a Escola Estóica de Zenão..... | 11 |
| 2.3. Do filosofar grego..... | 12 |
| 2.4. Professor de filosofia x Filósofo-professor..... | 16 |
| III. DO ESTUDO E ENSINO DE FILOSOFIA NA ACADEMIA HOJE..... | 19 |
| 3.1. Existe filosofia no Brasil e filósofos?..... | 19 |
| 3.2. O porquê da não existência de filosofia brasileira..... | 29 |
| 3.3. Por que não filosofamos..... | 30 |
| 3.4. O erro na construção do pensamento..... | 32 |
| 3.5. O historiador de filosofia e especialista..... | 40 |
| IV. DO INCENTIVO AO ESTUDANTE DE FILOSOFIA A PENSAR POR SI. | 45 |
| 4.1. O início do filosofar..... | 48 |
| V. CONCLUSÃO..... | 51 |
| VI. NOTA..... | 55 |
| VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 56 |

Devemos, portanto, redefinir o espírito dos Departamentos de Filosofia. Ou fazemos história da filosofia, ou filosofia. Devemos ter a coragem de mudar o nome do departamento para o de 'história' se nos sentimos incapazes de filosofar por conta própria e se achamos que nossos alunos também o são - e sempre se pensa que eles são. Ou, então, se não queremos ser tidos como historiadores das idéias, então vamos nomear os departamentos de Departamentos de Comentariologia, se é única coisa que fazemos, ou achamos em condições de fazer, é comentar textos filosóficos (PALÁCIOS, 2004a, p. 15).

A todos, àqueles que buscam a autonomia
Filosófica.

Agradeço ao meu marido, Marco Antônio, pelo incentivo ao estudo de Filosofia.

A todos os professores do Curso de Filosofia – FACER, pelo magistério ao longo desses três anos e meio.

E ao Coordenador do Curso, professor Joaquim José Neto, pela orientação monográfica, por acreditar na minha pessoa e capacidade de trilhar no caminho da filosofia.

Obrigada, pelos incentivos e críticas.

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Data: 25 de maio de 2005

Hora: 21:45 h

Local: Sala do 7º Período de Filosofia

Acadêmica: CLEONY LUIZA SILVA DE CARVALHO

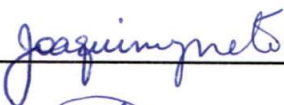
Tema: Um Estudo Sobre o Ensino da Filosofia no Brasil


Componente da Banca:


Orientador: Joaquim José Neto

José Geraldo Trindade

José João Neves L.B. Vicente







Nota: 9,8

Rubiataba, 25 de maio de 2005

Pe. Joaquim José Neto
Coordenador do Curso

CLEONY LUIZA S. DE CARVALHO



UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NA ACADEMIA BRASILEIRA

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia, tendo como orientador o Professor M. Sc. Joaquim José Neto

RUBIATABA
2005

Daou - 30784

| | |
|-----------|-----------------|
| Tombo nº | <i>11557</i> |
| Classif.: | |
| Ex.: | <i>1</i> |
| | |
| | |
| Or: | <i>d</i> |
| Data: | <i>25-11-05</i> |

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

CLEONY LUIZA S. DE CARVALHO

**UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NA
ACADEMIA BRASILEIRA**

**RUBIATABA
2005**